



As Ganhadeiras de Itapuã: perspectivas e desafios da trajetória musical de mulheres negras

MODALIDADE: INICIAÇÃO CIENTÍFICA

SIMPÓSIO: Formação musical, diversidade e cultura: etnomusicologia e educação musical em diálogos e interações

*Estela Estela Marinho da Paixão
Universidade Federal da Paraíba
estela_11jp@hotmail.com*

Resumo. Este trabalho apresenta resultados parciais de uma pesquisa de iniciação científica que teve como foco as “Ganhadeiras de Itapuã”, um coro musical da cidade de Salvador que, entre outros aspectos, busca lembrar e homenagear a cultura afro-brasileira. Nesse universo, este trabalho tem como objetivo compreender percepções e concepções de integrantes do Grupo acerca das suas práticas musicais e suas vinculações com questões relacionadas à cultura afro-brasileira e à inserção da mulher nesse contexto. Como base em pesquisa bibliográfica e entrevistas narrativas, o texto evidencia que o Grupo promove nas integrantes um tipo de lembrança da ancestralidade africana, assim como fortalece a percepção das participantes sobre dimensões do racismo e do machismo que caracterizam a sociedade brasileira.

Palavras-chave. Ganhadeiras de Itapuã. Música afro-Brasileira. Mulheres Negras

The Ganhadeiras de Itapuã: Perspectives and Challenges in the Musical Trajectory of Black Women

Abstract. This work presents partial results of scientific initiation research that focused on the "Ganhadeiras de Itapuã", a musical choir from the city of Salvador that, among other aspects, seeks to remember and pay homage to Afro-Brazilian culture. In this universe, this work aims to understand the perceptions and conceptions of the Group's members about their musical practices and their links with issues related to Afro-Brazilian culture and the insertion of women in this context. Based on bibliographical research and narrative interviews, the text shows that the Group promotes in its members a type of remembrance of African ancestry and strengthens the participants' perception of dimensions of racism and machismo that characterize Brazilian society.

Keywords. Ganhadeiras de Itapuã. Afro-Brazilian Music. Black Women

1. Introdução

Este texto apresenta resultados parciais de uma pesquisa de iniciação científica que tem como foco a trajetória musical das Ganhadeiras de Itapuã, um grupo musical da cidade de Salvador, na Bahia, que tem como base de sua prática musical elementos da cultura afro-brasileira, sendo protagonizado, majoritariamente, por mulheres negras. No universo dessa manifestação musical, este trabalho tem o objetivo compreender percepções e concepções de integrantes do Grupo acerca das suas práticas e suas vinculações com questões relacionadas à cultura afro-brasileira e à inserção da mulher nesse contexto, a partir da ótica de quatro integrantes.

O trabalho tem como base uma metodologia qualitativa e, para o recorte aqui apresentando teve como principais instrumentos de coleta e produção de dados uma pesquisa bibliográfica sobre manifestação estuda e temas correlatos, bem como entrevistas narrativas com quatro integrantes do Grupo. A fim de evidenciar os resultados alcançados, o trabalho está estruturado três partes. A primeira analisa a trajetória do grupo; a segunda discute as práxis musicais das Ganhadeiras de Itapuã sob lentes do feminismo na atualidade; e a terceira, parte central do trabalho, analisa perspectivas e desafios da trajetória musical de mulheres negras das Ganhadeiras de Itapuã, na visão das integrantes entrevistadas.

2. As Ganhadeiras de Itapuã: aspectos históricos e características atuais

No ano de 2004, o grupo “As Ganhadeiras de Itapuã” foi criado com o intuito de homenagear as escravas que, durante o século XIX e início do XX, ganhavam a vida lavando roupas e vendendo quitutes nas ruas de Salvador (BA) enquanto cantavam. O projeto começou na casa de Dona Cabocla e Dona Mariinha, que visavam o fortalecimento da cultura de Itapuã e desejavam envolver as gerações ali presentes nesse contexto. Além disso, o conjunto tem o objetivo de contar como era difícil o modo de vida dos moradores da região, especialmente em um período que não tinha luz elétrica. Para chegar a esse propósito, o grupo, que é composto por crianças, mulheres e homens de várias idades, utiliza-se do samba de roda, teatro, dança e artefatos para reproduzir os costumes da época.

Historicamente, ainda no período escravocrata, as ganhadeiras só poderiam comercializar seus produtos perante uma autorização dos seus senhores e depois de dar a eles uma parcela do lucro adquirido. O dinheiro conquistado, na maioria dos casos, era utilizado para comprar a sua própria alforria ou de algum parente, além de ser gasto com coisas essenciais do dia a dia. Ainda nessa perspectiva, por volta de 1850, os cientistas que faziam expedições naturalistas, que iam do Rio de Janeiro (RJ) a Salvador (BA), recebiam a ajuda das ganhadeiras, elas coletavam frutas, flores e animais para eles conseguirem estudar aquela região. Como recompensa, alguns desses naturalistas as presentearam comprando as suas cartas de alforria.

A trajetória das ganhadeiras faz parte, portanto, de uma complexa rede de histórias de luta dos escravos no Brasil, em que muitas delas nem sequer conhecemos, porque foram apagadas ao longo do tempo. Essa é a realidade de diversas práticas musicais afro-brasileiras que, pelo processo de colonialidade que marcou o país, foram relegadas à subalternidade, em diferentes realidades do contexto nacional

No trabalho das Ganhadeiras, a cultura afro-brasileira é evocada em uma práxis musical que, além das dimensões raciais, também se vinculada à luta para a construção de um espaço feminino negro na música]. Espaços esse que está sendo alcançado lentamente, levando em consideração o contexto histórico de exclusão da mulher na arte.

3. As práxis musicais das Ganhadeiras de Itapuã a partir de perspectivas do feminismo na contemporaneidade

O feminismo é um movimento político em prol da igualdade entre os gêneros, pois por muito tempo a mulher foi vista como um ser que devia obediência ao homem, logo, o objetivo do feminismo é romper com a dicotomia entre os gêneros para ajudar as mulheres a alcançar um espaço mais digno na esfera social. Como destaca Mello:

O feminismo surge por necessidades urgentes e reais pela luta à vida das mulheres, que em períodos de crise passam a ser mais desvalorizadas, sendo as mulheres pobres e racializadas as primeiras a sentirem os efeitos dessa desvalorização e sobre quem os efeitos são mais severos. (MELLO, 2018, p. 17-18)

A partir dessa perspectiva, percebe-se a importância do movimento para a conquista do espaço da mulher na sociedade. Ao se pensar em questões artísticas, a arte começou a circular com mais ênfase na produção das mulheres a partir da década de 1960, período em que passam a usar livros, músicas, filmes, peças de teatro etc. para propagar seus ideais, agora não só mais voltado a conquista dos direitos políticos, mas sim na presença da mulher em vários espaços de trabalhos e, principalmente, da emancipação da mulher como indivíduo, como é ressaltado a seguir:

A Segunda Onda feminista é caracterizada principalmente pela busca pela emancipação da mulher enquanto indivíduo. As categorias homem e mulher são postas em evidência e entendidas como construtos sociais e culturais, colocando em debate as naturalizações das associações das categorias homem/mulher com cultura/natureza respectivamente. (MELLO, 2018, p. 34).

Como consequência disso, as reivindicações dessas feministas alcançaram um patamar global e, por conseguinte, as mulheres começaram a questionar mais o que elas representavam no mundo naquele momento, pois a submissão ao homem que, outrora, era fundamentado por questões biológicas, já não eram mais aceitos por elas, tendo em vista que o movimento era também baseado no ideal de que homens e mulheres possuem as mesmas capacidades físicas. Nesse sentido, aspectos como a mudança do sistema político e cultural

entraram no debate dessas feministas. Além disso, o conceito de sororidade começou a entrar em pauta nos discursos dessas mulheres. Entretanto:

O movimento da liberação das mulheres é composto, principalmente, por mulheres jovens e universitárias, pertencentes às classes média e alta. São, em sua maioria, brancas. Novamente, nesse período as questões relativas à “raça” e etnicidade ficam em segundo plano nos discursos e nas produções de maior visibilidade, sendo as feministas dos Estados Unidos e da França que obtêm maior visibilidade nessa época. (MELLO, 2018, p. 37).

Logo, percebe-se que igualdade de racial relacionada ao gênero ainda percorreria um longo caminho para entrar em discussão no mundo. Embora o movimento tenha ganhado força no Brasil a partir de 1960, cabe lembrar que o país, quatro anos depois, estava imerso em uma Ditadura Militar e qualquer manifestação seria barrada pelos militares caso questionassem os padrões da época.

Já a Terceira Onda, iniciada a partir de 1990, é definida pelo questionamento das definições de gênero e pela diversidade de pautas, temas como: estupro, sexualidade, empoderamento feminino e lugar da mulher negra ganham mais destaque nas discussões das feministas, tendo como o objetivo incentivar a produção de conteúdos por parte das mulheres, assim como cita Nogueira:

Considerando que as normatividades de gênero fazem com que os modelos perpetuados no ensino e prática da música sejam ainda eminentemente masculinos, enfatiza-se a necessidade de conhecimento da produção das mulheres criadoras, no sentido de desconstrução e possibilidade de espelhamento em novos modelos. (NOGUEIRA, 2019, p. 4).

Portanto, entende-se que a importância das Ganhadeiras de Itapuã não se limita apenas a perpetuação e homenagem de uma cultura, mas sim de um grupo feminista que luta para modificar o cenário excludente que as brasileiras ainda se deparam ao tentar fazer arte. Ao cantarem, As Ganhadeiras de Itapuã demonstram a intimidade e admiração existentes entre elas. São mulheres que não só cantam e dançam, mas contemplam a arte feita por cada componente do grupo. Nas apresentações do coro, nota-se a alegria das outras integrantes quando alguma está executando um solo, configurando-se uma manifestação de apreço entre elas.

4. Perspectivas e desafios da trajetória musical de mulheres negras das Ganhadeiras de Itapuã: análise de quatro casos

Inicialmente, com o intuito de desenvolver uma análise crítica sobre o tema, trago a curta, mas simbólica, frase da Ganhadeira Driele, que traduz em poucas palavras a

representatividade do movimento e a força feminina: “Toda mulher brasileira, em sua essência, é uma ganhadeira” (DRIELE, entrevista, 2021). A princípio, os aspectos culturais que envolvem a história das Ganhadeiras se tornam um encanto para qualquer telespectador e, indiscutivelmente, não seria diferente para essas integrantes que foram criadas com lucros advindos do ganho, atividade que era encarada com alegria, mesmo existindo diversos empecilhos durante a jornada de trabalho. Conforme o ilustrado no próximo depoimento:

A cultura do grupo em si é muito rica. Por quê? Porque estamos falando de mulheres fortes que viviam uma vida difícil, porém feliz para elas. Minha bisavó lavava roupas de ganho para 10 famílias e 11 totalizando com as de casa. O que significa roupa de ganho? É o que a máquina de lavar faz hoje em dia, ou seja, elas lavavam as roupas da família inteira e lavavam felizes, porque dali levavam o sustento e o pão de cada dia para os filhos. E, quando falo em trabalho árduo, é sobre estarem expostas ao sol, sem sombras na maioria do dia e, mesmo assim, elas estavam cantando e se divertindo. (DRIELE, entrevista, 2021).

Ao ler o depoimento supracitado, percebe-se que, intuitivamente, já há uma predisposição dos membros a entrarem no coro, tanto por questões relacionadas ao orgulho de fazer parte dessa história, como pela magia envolvente no ambiente. Sendo assim, com base nas entrevistas concedidas, pode-se chegar a inferir que as quatro tiveram uma inserção no grupo de forma parecida, tendo em vista que elas receberam um convite para participar das Ganhadeiras de Itapuã e, desde o primeiro contato, encantaram-se pela representatividade do movimento. Consoante as entrevistadas:

A minha inserção no grupo se deu antes de se tornar as Ganhadeiras de Itapuã. Foi enquanto um grupo de pessoas se reuniam para falar de Itapuã, contar histórias e cantar Itapuã. E aí a minha tia Lucinha me convidou, dizendo que estava acontecendo um encontro de um grupo que Amadeu havia idealizado, que tinha muita música e história. E na hora eu topei, porque eu sempre amei dançar. Na primeira vez que eu fui, o encontro estava acontecendo na Casa do Samba e, quando Amadeu começou a cantar a música de Dorival Caymmi, Rainha do Mar, eu me levantei para dançar e não parei mais. (VERÔNICA..., entrevista, 2021).

Nota-se, também, que todas sentem que não escolheram participar do grupo, mas sim que foram convocadas para ocupar tais cargos. Posto isto, é perceptível a gratidão das integrantes em fazer parte desse movimento, porque As Ganhadeiras de Itapuã não só representam a história delas, mas sim toda diversidade que há no país, tanto a cultural como a humana. Logo, por possuírem tal convicção, o ambiente interno se torna cordial e favorece a permanência delas ali, pois elas podem manifestar os seus sentimentos sem serem reprimidas. Além disso, o grupo é uma oportunidade de expor a espiritualidade dessas pessoas e de se conectar com as suas ancestralidades. Fato que é ilustrado no depoimento de Verônica:

Eu não escolhi fazer parte de um grupo de mulheres, eu fui escolhida. Até porque não era só um grupo de mulheres, era um grupo diversificado. Então é uma mistura, né? O grupo hoje representa essa diversidade humana. Então não foi uma decisão minha, eu fui convidada a participar e eu acredito cada vez mais que foi por uma ancestralidade que sentiu a necessidade de ser escutada. E como eles estão em espíritos, eles precisam se manifestar em quem está fisicamente em vida. (VERÔNICA..., entrevista, 2021).

Ao serem perguntadas sobre as questões relacionadas ao preconceito por serem mulheres pretas fazendo arte, houve uma divergência entre as respostas, pois enquanto Verônica relatou as dificuldades de se alcançar o seu espaço por conta do machismo estrutural, as outras declararam não sentir e, tampouco, perceber os danos dessa discriminação. Como descreveu Driele (2021): “Não vejo ou percebo isso. Poderia ter acontecido isso anos atrás, em que eu era pequena e poderia não ter visto.” Essa perspectiva é compartilhada por outras participantes do Grupo.

Mesmo que algumas integrantes declaram não perceber uma discriminação explícita, segundo o depoimento de Verônica, o machismo pode sim ser sentido por ela, destacando que existe uma busca para defender a sua posição de manifestante popular. Assim, relata Verônica:

O machismo é estrutural, né? Ele está embutido na gente, embora saibamos que nós mulheres reproduzimos o machismo, mas nós não criamos o machismo, nós reproduzimos justamente por conta dessa estrutura. E em todo lugar é sempre difícil para uma mulher tomar a sua posição por conta desse machismo estrutural. (VERÔNICA..., entrevista, 2021).

Eu defendo a minha posição de mulher preta e manifestante popular com unhas e dentes e não abro mão de me posicionar, de falar o que eu penso, sabe? Eu busco ter um discurso coerente com as minhas ações e eu traduzo o que ganhadeira é: ganhadeira é um retrato da diversidade humana e, para ser diverso, precisa se respeitar, entendendo as potencialidades de cada um, né? E isso acontece nas ganhadeiras, mesmo a gente sabendo que o machismo é estrutural e ele está ali da forma mais sutil, mas quando a gente aprende sobre isso, a gente consegue identificar e, assim, partir para o embate, né? E, de certa forma, diluí-lo. (VERÔNICA..., entrevista, 2021).

Como consequência da má estruturação social, muitas mulheres negras foram apagadas do cenário artístico brasileiro e, até hoje, pode-se perceber que algumas delas têm as suas potencialidades subestimadas quando vão desempenhar um papel que, culturalmente, é mais exercido por homens. Ainda de acordo com o pensamento da pesquisadora citada anteriormente, com o desenvolvimento de proposições aspirando o respeito pela diversidade, verificou-se que, mesmo aumentando o protagonismo negro no país, as dificuldades organizativas e teóricas no interior desses movimentos apresentaram desafios para serem dissolvidas. Sendo assim, essa teoria traz uma explicação plausível para o que ocorre no coro

das Ganhadeiras de Itapuã, pois é um grupo no qual a mulher negra está em evidência, porém essas encontram desafios para atuar na função de compositoras, isto é, romper com a conjuntura organizacional imposta a várias praticantes dessa e outras artes. Nessa perspectiva, de acordo com Schuma e Érico Vital:

Constatamos que a ausência de registros sobre a participação das afro-descendentes na formação e no desenvolvimento do Brasil é gritante. Com exceção dos escritos sobre o sistema escravocrata e, por vezes, uma ou outra alusão ao mito Chica da Silva, não se encontraram muitas outras referências e informações sobre as mulheres negras em nossos museus, currículos escolares, livros didáticos e/ou narrativas oficiais. (SCHUMAHER e BRAZIL, 2007, p.9 apud RIBEIRO, 2008, p. 991).

Embora o grupo tenha uma notoriedade no país, sabe-se que ela é insuficiente ao analisar as potencialidades do movimento. Logo, percebe-se a necessidade de dar mais visibilidade a causas como essas, porque assim se garantirá a presença delas na história do país. Consoante a Ribeiro, para alcançar essa inclusão, faz-se mister a implementação de mais recursos orçamentários para, assim, desenvolver-se políticas públicas eficientes contra essas discriminações, além de dar um maior enfoque à invisibilização e aos preconceitos destinados às mulheres.

Dar mais visibilidade às mulheres negras como, por exemplo, as ganhadeiras, é uma tentativa de reparação histórica, mas para reverter o quadro de invisibilidade racial e de gênero é preciso superar inúmeros paradigmas. De acordo com a pesquisadora (NOGUEIRA, 2019, p. 27): “Existem conflitos que têm sua base na forma como este campo generificado se organiza, certamente, e não é fácil para as mulheres romperem com seus processos aprendidos de autoexigência, autolimitação, crítica excessiva e cobrança.”. Ao analisar tal afirmação com o depoimento das integrantes, principalmente o último da Verônica, é possível chegar ao consenso de que as mulheres possuem uma maior dificuldade para alcançar o seu espaço, porque a herança histórica e o atual contexto do país induzem as mulheres a atingir um padrão de excelência para serem notadas e, por conseguinte, terem as suas produções reconhecidas. Assim, a autocrítica e cobrança, somadas a todos os outros aspectos anteriormente citados, mostram-se como algumas das possíveis razões pelas quais desestimulam ou excluem parte das integrantes das Ganhadeiras de Itapuã do ato de compor. Fato que foi mais uma vez ratificado, agora por (LUCINHA DAS VIRGENS, entrevista, 2021): “Meu desafio é mostrar para as pessoas que não são somente os homens que podem compor, as mulheres também têm esse direito.”

Dessa maneira, o machismo e a discriminação racial dificultam o desenvolvimento do grupo e, por conseguinte, impedem que os participantes alcancem seus objetivos. Além do mais, esses preconceitos põe as integrantes em situações de desmerecimento e humilhação. Tais fatos foram retratados por Verônica e Driele, respectivamente, ao serem perguntadas sobre os danos causados por essas práticas:

A discriminação racial está presente em nossas estruturas e o fato de, até hoje, não possuímos por merecimento a nossa sede já denota racismo estrutural. Entre outras coisas que já poderíamos ter alcançado e, tenho certeza, que não alcançamos por sermos um grupo de cultura popular afrodescendente. (VERÔNICA..., entrevista, 2021).

Sim e, por incrível que pareça, foi de uma moradora do bairro. Estávamos no Furdunço, um evento que ocorre uma semana antes do carnaval, e um colega do grupo e jornalista estava entrevistando várias das integrantes mais velhas. Quando ele veio me entrevistar, ela se meteu e tentou arrancar o microfone da mão dele falando: “Você tem que entrevistar as outras, as negras. Ela é loira e clara”. Na hora fiquei sem ação, mas ele a respondeu dizendo: “Você sabe quem é ela? Ela foi uma das primeiras crianças a entrar no grupo e é a bisneta da presidenta”. (DRIELE, entrevista, 2021).

Com base nas respostas anteriores e no pensamento de Ribeiro, as circunstâncias denunciam a falta de ações dos governantes no combate aos preconceitos estruturais da nação e, sobretudo, ao silenciamento das vozes femininas, em especial àquelas que fazem parte de movimentos negros. Dessa forma, faz-se imperioso uma ação conjunta entre a sociedade civil e as autoridades para diluir essas discriminações que, teoricamente, caracterizam-se crimes contra a humanidade.

Mesmo diante a tantas dificuldades, As Ganhadeiras de Itapuã se mostram como um grupo ligado a questões relacionadas ao desenvolvimento de estratégias para mudar essa conjuntura conflituosa, assim como foi destacada na entrevista concedida para a construção deste texto. Desse modo, mesmo que lentamente, o coro vem se destacando no cenário artístico brasileiro como, por exemplo, participando das Olimpíadas de 2016 e, também, sendo homenageado pela escola de samba Unidos do Viradouro em 2020. Por conta disso, questionamentos relevantes, como a importância de não deixar a história dos negros serem apagadas novamente e, paralelamente, a necessidade de dar mais autonomia as mulheres praticantes dessa arte, finalmente, estão ganhando mais visibilidade no atual contexto do Brasil. Pensando nesses aspectos, faço alusão as seguintes afirmações:

Diante de tão rica construção, é possível dizer que as organizações de mulheres negras fizeram valer seu propósito de adquirir “maioridade política” diante dos movimentos feminista e de negro, de instituições públicas e privadas e da sociedade

em geral. Com isso, demonstraram a disponibilidade de construção de seus próprios caminhos. (RIBEIRO, 2008, p. 1002).

Nesse viés, as ações de grupos afrodescendentes, como As Ganhadeiras de Itapuã, mostram-se essenciais para se alcançar um futuro menos preconceituoso, haja vista que existem mulheres que tem o ganho como fonte de renda e, por isso, necessitam de um maior amparo socioeconômico, assim como várias outras. Nesse sentido, o coro aqui estudado se espelha na força das suas ancestrais para lutar por igualdade e reparação histórica, configurando-se como um movimento feminista, mesmo que o termo anteriormente mencionado não seja tão bem discutido por alguns membros do grupo, como por (DRIELE, entrevista, 2021) ao ser perguntada se achava o grupo feminista: “Sim, totalmente. E os homens que trabalham no grupo também são, pois sempre nos elevam, priorizam e se emocionam ao lutar conosco”. Ainda sim, percebe-se que concepção feminista está presente de alguma maneira no dia a dia das entrevistadas, como nos depoimentos abaixo:

Na forma correta do conceito, sim, porque no verdadeiro feminismo a ideia não é colocar homem contra mulher. O verdadeiro feminismo visa colocar a mulher na posição em que ela merece estar, em posição de igualdade, principalmente social, porque é a má estruturação da sociedade que nos colocou no lugar que nos encontramos, tanto de vulnerabilidade, tanto de sofrimento, de violência, de desigualdade, quanto também de luta, hoje, por reparação. Então, eu considero que sim, somos um movimento feminista no sentido verdadeiro do conceito. (VERÔNICA..., entrevista, 2021).

As integrantes do coro aqui estudado estão em um processo de reconhecimento da importância das Ganhadeiras para tornar as mulheres protagonistas na sociedade. Há um entendimento que é preciso desnaturalizar as ações que as impedem de ocupar outras posições no grupo e isso é positivo, tendo em vista que, para alcançar a igualdade, o primeiro passo a ser dado é estimular a população a buscar pelos seus direitos, pois não é mais tolerável aceitar a exclusão das negras da história brasileira. Não é um caminho fácil a desconstrução de atos discriminatórios, porém é dando visibilidade a movimentos como As Ganhadeiras de Itapuã que outras mulheres sentirão que estão, de alguma forma, sendo representadas e incluídas no cenário musical.

5. Conclusão

A partir da análise de todo o texto, infere-se que As Ganhadeiras de Itapuã é um grupo que representa a real história do Brasil, pois a partir do momento em que elas retratam acontecimentos como, por exemplo, a luta das escravas de ganho para garantir o sustento da

família e conseguir as suas alforrias, elas fazem uma alusão a fatos que estão inteiramente interligados à história do país.

Ser uma Ganhadeira é carregar consigo traços de luta, dor e, principalmente, desejo de conquistar os seus direitos, esses que foram e são conquistados com muito suor. Assim, o papel do negro jamais deveria ter sido destinado à subalternidade, mas sim de destaque, porque é por meio deles que hoje temos acesso a uma cultura rica e cheia de encantos.

Além disso, por conta da conjuntura social do país, pode-se notar que alguns tipos de preconceito ainda não foram desconstruídos completamente dentro da vivência das integrantes, no entanto, a maior problematização desses temas no nosso dia a dia fez com que o machismo e a discriminação racial entrassem em discussão no interior do grupo. Com isso, alguns membros já conseguem entender os danos causados por esses preconceitos e, paralelamente, apontar possíveis soluções para essa questão, como foi dito por Verônica das Virgens na entrevista.

Referências

BARRETO, Iuri. Quem são as Ganhadeiras de Itapuã, tema da escola campeã do carnaval carioca? Direito da Bahia, Panrotas. 2020. Disponível em: <https://blog.panrotas.com.br/diretodabahia/2020/02/28/quem-sao-as-ganhadeiras-de-itapua-tema-da-escola-campea-do-carnaval-carioca/>. Acesso em: 21 de maio 2021.

DRIELE. Driele Louise Dias Valadares. Entrevista a [“X”]. Via Instagram. 8 de jun. Formato: Texto. Duração: 3 h. Não publicada.

GANHADEIRAS de Itapuã. História viva: cantigas e sambas vindos de memórias afetivas. 2020. Disponível em: <https://www.salvadorbahia.com/experiencias/as-ganhadeiras-de-itapua/>. Acesso em: 20 de maio 2021.

GOMES, Francimária R.; ROSA, Laila. Os processos de protagonismo de mulheres negras no recôncavo da Bahia: o samba de roda como mediador das relações cotidianas. *Olhares sociais*, Recôncavo da Baiano, v. 3, n. 2, p. 86-110, 2014. Disponível em: https://www3.ufrb.edu.br/olharessociais/wp-content/uploads/6-Especial-OS-PROCESSOS-DE-PROTAGONISMO-DE-MULHERES-NEGRAS-NO-RECONCAVO-DA-BAHIA_ok_final_01.pdf. Acesso em: 19 de jun. 2021.

LICA. Teresa Cristina Santos Silva. Entrevista a [“X”]. Via WhatsApp. 4 de jun. Formato: Áudio. Duração: 1h e 30 min. Não publicada.

LUCINHA DAS VIRGENS. Maria Lúcia Pereira das Virgens. Entrevista a [“X”]. Via WhatsApp 9 de jun. Formato: Áudio. Duração: 1min e 54s. Não publicada.

MELLO, Tânia. *Mulheres brasileiras na música experimental: uma perspectiva feminina*. João Pessoa, 2018. 441 f. Doutorado em musicologia/ Etnomusicologia. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/16900/1/Arquivototal.pdf>. Acesso em: 18 de maio 2021.

NOGUEIRA, Isabel. Vozes, sons, herstories: tecendo a pesquisa feminista em música experimental no Brasil. *Debates*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, n. 22, n. 22, p. 53-83, dez. 2019. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/revistadebates/article/view/9652>. Acesso em: 19 de maio 2021.

RIBEIRO, Matilde. Mulheres negras: Uma trajetória de criatividade, determinação e organização. *Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Movimentos Sociais*. São Paulo, v. 16, n. 3, p. 987-1004, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/8DwmqbJg8ZbFqPCDqbfsWqd/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 11 de jun. 2021.

SALGADO, Jenner. Maré Mansa. *Letras*. 2004. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/as-ganhadeiras-de-itapua/mare-mansa/>. Acesso em: 28 de maio 2021.

SANTANA, Irapuã. Sabe quem foi Luísa Mahin? Instituto Mercado Popular. 2019. Disponível em: <https://mercadopopular.org/Mahin/sabe-quem-foi-luisa-mahin/>. Acesso em: 28 de maio 2021.

TANAKA SORRENTINO, Harue. *Articulações pedagógicas no coro das Ganhadeiras de Itapuã: um estudo de caso etnográfico*. Salvador, 2012. 510 f. Doutorado em educação musical. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/12585/1/Articula%20a%20pedag%20g%20das%20coro%20das%20Ganhadeiras.pdf>. Acesso em: 18 de maio 2021.

VERÔNICA RAQUEL MUCUNA. Verônica Raquel Santana das Virgens. Entrevista a [“X”]. Via WhatsApp. 5 de jun. Formato: Áudio. Duração: 2h. Não publicada.

VERÔNICA RAQUEL MUCUNA. Verônica Raquel Santana das Virgens. Entrevista a [“X”]. Via WhatsApp. 7 de jun. Formato: Texto. Duração: 30 min. Não publicada.

VERÔNICA RAQUEL MUCUNA. Verônica Raquel Santana das Virgens. Entrevista a [“X”]. Via WhatsApp. 14 de jun. Formato: Texto. Duração: 35 min. Não publicada.

VERÔNICA RAQUEL MUCUNA. Verônica Raquel Santana das Virgens. Entrevista a [“X”]. Via WhatsApp. 18 de jun. Formato: Áudio. Duração: 6 min e 27s. Não publicada.

VIRADOURO 2020: desfile completo (campeã). On-line, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W3bnk6SQZEU&t=966s>. Acesso em: 16 de maio 2021.

ZIRBEL, Ilze. Ondas do feminismo. *Mulheres na filosofia*, Campinas, 2021, v. 7, n. 2, p. 10-31. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/wp-content/uploads/sites/178/2021/03/Ondas-do-Feminismo.pdf>. Acesso em: 19 de maio 2021.